



LAPIDAÇÃO CRIADORA E O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE JOIAS CONTEMPORÂNEAS

Duarte, Jorge J. P.; Msc.; Universidade Federal do Pará, djorgeduarte@hotmail.com¹

Resumo: Essa pesquisa apresenta um recorte de minha dissertação, onde são levantadas reflexões da joia na contemporaneidade e é proposto um método de entendimento do processo de criação da joia contemporânea, com base teórica nas pesquisas em artes e na sociologia compreensiva.

Palavras chaves: Joia; processo de criação; sociologia compreensiva.

Abstract: This research presents a clipping of my dissertation, where are presented reflections of the jewelry in the contemporaneity and is proposed a method of understanding the process of creation of contemporary jewelry, with a theoretical basis on research in the arts and sociology comprehensive.

Keywords: Jewel; process of creation; sociology comprehensive

Introdução

Este artigo consiste em uma síntese da pesquisa apresentada em minha dissertação de mestrado o qual a joia contemporânea é destacada como objeto principal. O objetivo é apresentar uma forma de compreensão do processo de criação em joia com base nas reflexões teóricas sobre o papel da mesma na sociedade contemporânea, em diálogo com minhas experiências como designer de joias.

O método utilizado para a concepção da pesquisa teve como referência o trabalho de Sônia Rangel, artista e pesquisadora, que busca gerar através do cruzamento entre experiência artística e diálogo teórico, os subsídios para

¹ Mestre pela Universidade Federal do Pará, Especialista em Design de Moda pela Universidade da Amazônia, Bacharel em Design pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia e Professor dos cursos de Comunicação e Design da Faculdade de Estudos Avançados do Pará.



reflexões sobre processos de criação, trazendo a experiência artística e propriedade de fala na construção de conhecimento teórico.

A abordagem principal da pesquisa se baseou no estudo das artes com foco nos processos criativos, em teóricos como Fayga Ostrower e João de Jesus Paes Loureiro, na prática do design através de autores como Eliana Gola e Rafael Cardoso, na sociologia compreensiva, representada por Michel Mafessoli e Renata Pitombo Cidreira, e pela fala *locus* da pesquisa, a joia na Amazônia, com base no livro “Jóias do Pará”. O cruzamento das referentes áreas contribuiu para formar uma relação entre o design de jóias com as relações de indivíduo e sociedade no contexto contemporâneo.

Joia e Contemporaneidade

No que diz respeito a etimologia da palavra joia sua origem se dá pela relação de outras duas, ambas do latim, *jocalis*, como “aquilo que alegra, que causa prazer”, juntamente com *gaudium*, que significa “alegria”, “contentamento”, “satisfação”, “prazer”. Estas serviram para dar origem a palavra *joiel* ou *joyau*, do francês, como “artefato de matéria preciosa de grande valor, usado em geral como ornamento, e que causam prazer”. Entende-se que seu significado está ligado ao sentimento de prazer e alegria ao ganhar e utilizar uma joia, devido a sua respectiva noção de preciosidade.

Considero importante destacar que as jóias, desde suas origens se referem a artefatos que essencialmente possuem uma relação direta com o valor. As jóias passaram por mudanças em seu papel nas sociedades no decorrer dos anos, e atualmente estão posicionadas como um produto inserido no sistema de comércio de mercadorias, onde é aplicado um alto investimento financeiro em sua produção, visando o lucro proveniente do seu consumo.

Desta forma, o contexto mercadológico ao quais as jóias estão inseridas de forma massificada nos países que visam à aceleração industrial como objetivo, podem por vezes construir uma noção de que estes artefatos são meros



objetos acumuladores de riquezas materiais. Tal proposição afasta, através da oferta massificada de mercado, o papel das joias como pertencente ao campo das formas de expressão artísticas, modos de fazer que trazem consigo outros valores além do acima descrito.

Levanta-se aqui o questionamento sobre que problemas esta visão pode trazer ao assimilar a joia unicamente como um produto a ser consumido, independentemente das possíveis contribuições simbólicas presentes nas inspirações de suas formas ao seu valor simbólico. "As grandes marcas não conseguiram cancelar exclusivamente o luxo, mas também o sonho, o valor da história, da experiência, da unicidade, do conto, uniformizando de forma homologada as próprias propostas" (FRANCHI, 2011, p. 58), processo esse que ocorreu com o domínio do setor por peças sem comprometimento com uma matriz criativa, com formas escolhidas aleatoriamente e que trazem essencialmente o valor do material constituinte, para entregar um produto finalizado que pudesse se adequar as exigências de rapidez e volume de produção do mercado consumidor.

Como em grande parte dos processos de transformação das sociedades, a inquietação surge para gerar novas mudanças. Em contrapartida ao fenômeno de massificação e de desvalorização dos adornos, surgiu a motivação de trazer peças que pudessem reviver essa experiência sensível entre tais objetos e os indivíduos.

Ao final dos anos 1990, tem início no Brasil uma grande preocupação por parte dos designers em identificar, nas joias comerciais, a sua *brasileiridade*. Assim, é nas joias artesanais e nas joias feitas para concursos que se encontra o campo de atuação do *designer* brasileiro. É aí que se pode apreciar a criatividade, a ousadia, o espírito precursor – no uso, na forma, na escolha dos materiais e de sua natureza (GOLA, 2013, p. 134).

Neste contexto, é concebida a proposta apresentada pelo Polo Joalheiro do Pará, que traz uma resposta positiva ao fazer artístico, pois é concebida no intuito de seguir um caminho diferente da massificação mercadológica do setor



global de joias. Suas inspirações se mostram concentradas em trazer artefatos portadores de valores estéticos e simbólicos, além do monetário, ao tratar a joia como objetos que contam uma história e proporcionam através destes atributos uma experiência de percepção subjetiva que vai se apresentar de formas diferentes para cada observador.

Ao iniciar meu trabalho como designer de joias no Polo Joalheiro do Pará, um local que valoriza tal experiência sensível, pude construir meu próprio ponto de vista sobre a importância das joias na sociedade e assim refletir sobre de que forma elas podem atribuir para si os valores considerados importantes em uma obra de caráter artístico.

Entre muitas características apontadas nas joias, a durabilidade de seus materiais constituintes pode ser destacada como de primordial importância para o que relaciono com meu trabalho, além da relação de alto valor que os mesmos se apresentam socialmente. Percebe-se dessa forma duas características essenciais de uma joia: sua grande longevidade e o fator de raridade dos materiais componentes, que destacam sua importância e contribuem no processo de relação da peça com o observador.

Dentre diversos artefatos já produzidos pelo homem, estes vêm se apresentando como um dos principais registros históricos, como uma das mais resistentes formas de expressão artísticas produzidas. "A ideia de ornamento, portanto, está vinculada à interpretação dos diferentes povos, civilizações e épocas que, ao ligar o ornamento aos objetos, transformam esses mesmos objetos em veículos que nos auxiliam a compreender, hoje, em sua permanência, as culturas humanas" (GOLA, 2008, p. 18-19). Assim, sob o meu ponto de vista, criar joias significa trazer ao mundo uma grande história, que se apresenta ao mesmo tempo de forma muito pessoal, pois trata-se de minha visão como criador, como também em cada tema abordado nelas, surgem elementos que de certa forma, similar a minha própria percepção ou não, se relacionam



com outras pessoas: um local, um personagem, um relacionamento, uma crença, um sentimento.

Trazendo para o contexto atual, a sociedade contemporânea se constitui de uma rede formada por grupos e microgrupos que surgem de acordo com a identificação dos indivíduos, agrupamentos estes que interagem entre si, que se aglutinam uns nos outros e se dispersam pelo fenômeno de surgimento de novos grupos e assimilação dos mesmos em detrimento dos antigos. A expressividade de tais acontecimentos influencia diretamente na forma do indivíduo de se posicionar e de interagir com o mundo ao redor.

Nas artes, campo de maior expressão criativa humana, não é diferente. Suas transformações frente ao período contemporâneo são evidentes. “A arte contemporânea procura dar ao espectador consciência do seu mundo, abrindo novos horizontes, cortando os laços da tradição e do preconceito. Deseja participação do espectador até como co-autor, levando-o a fazer dela uma coisa a ser vivida, e não apenas contemplada” (LOUREIRO, 2002, p. 31). Essa dinamicidade tira as expressões artísticas da sua redoma, que as caracteriza como objetos de admiração distante, e as aproximam de seu expectador, que passa a entendê-las com o fator da identificação à obra, a percebendo e assimilando ou não com a sua própria vivência.

Entende-se então que a noção da joia contemporânea já atribui para si mais dois fatores, além dos acima descritos. O primeiro dele é lidar com a experimentação, com o uso de uma nova técnica, um novo material, da releitura de algo já consolidado no setor joalheiro, de uma forma diferente de fazer a joia, em relação as antigas técnicas que já se tem conhecimento até a metade do século XIX.

Trata-se do resgate de um criador e produtor que faz de sua oficina o lugar de buscar saídas inovadoras para suas peças. “A joia contemporânea, como categoria identificável, começou nos anos 1950, com o trabalho de criação de indivíduos isolados em centros nacionais e regionais, emergindo como



movimento internacional no princípio da década de 1970” (GOLA, 2013, p.113). Reflexo disso são os concursos de criação de joias contemporâneas, e de lapidação diferenciada de gemas, que buscam na novidade e na experimentação outras formas de inspirar e conceber a joia a nível mundial.

A segunda base da joalheria contemporânea é a sensibilidade na criação das peças, no fazer criativo como propósito de expressão, que tem como finalidade conceber joias que permitam o observador vivenciar uma experiência sensível de relação com o artefato, bem representados pelos concursos de joias conceituais, onde o “conceito” solicitado aos participantes simboliza a pesquisa de um tema e reconfiguração das informações adquiridas em uma forma através da ótica do criador, sendo estes elementos básicos das práticas de expressão criativas.

As duas bases da joalheria contemporânea excluem de sua categoria as formas tradicionais de produção de joias e a simples reprodução de peças já existentes, onde a inovação e a sensibilidade se fazem ausentes, dando lugar a reprodução automática de formas recorrentes e das produções de joias com formatos sem significado ou intenção definida.

É da relação entre o indivíduo com seus complexos grupos sociais que se consegue identificar a relação forte da função representativa da joia com maior força no período atual.

Assumimos nossa multiplicidade e nossas contradições. Não há alguém que seja apenas clássico; haverá momentos que esse alguém poderá ser esportivo também. Não se mantém um padrão [...]. No século XXI, a joia, mais do que nunca, representa um emblema do seu usuário, repleta de simbologias e significados (GOLA, 2013, p.150).

Para conceber tais artefatos, torna-se necessário fazer uma ligação entre o que é materializado através da criação com as referências com que o indivíduo agrega a si de uma forma geral. “Como criação a arte não tem fronteiras. Nasce de uma ligação com a essência humana, satisfazendo as necessidades humanizadoras perante a realidade. Tendo o homem como origem e destino,



torna-se trabalho privilegiado, uma das atividades essenciais da vida” (LOUREIRO, 2002, p. 34). O processo de inspiração simbólica pela vivência pessoal do criador agrega ao objeto a possibilidade de relacionar tais referências pelo observador, uma relação sensível pode se estabelecer através das formas da obra artística.

As Potências Criadoras

Com base nos parâmetros apresentados sobre a joia e contemporaneidade, o método de compreensão de criação de joias começou a tomar forma. Utilizo o conceito de potência, que já foi utilizado por outros autores nos processos de criação. “Aqui lembramos que se toma potência no sentido aristotélico, daquilo que se transformará em algo além de si e que em si já está contido. É a relação entre *potência* e *ato*” (LOUREIRO, 2002, p.34). Pode-se perceber através disso que um mesmo algo pode possuir várias potências que podem ocorrer ou não, e que ao se reconfigurar através de um processo, este acaba elencando uma das potências como sua essencial, que se utiliza da mesma em relação ao descarte das outras.

O potencial criador é um fenômeno de ordem mais geral, menos específica do que os processos de criação através dos quais o potencial se realiza. Salientamos o caráter geral, e indefinido até, do potencial, a fim de assinalar o sentido da definição que se efetua nos processos criativos, tomados aqui como processos ordenadores e configuradores (OSTROWER, 2014, p. 26).

Neste conceito geral da autora, potencial criador se apresenta então como a mudança de condição que os elementos passam, e onde se alteram ou se hierarquizam de acordo com o fenômeno de reconfiguração ocasionada pelo processo criativo.

Enquanto Loureiro apresenta a relação de potência e ato, onde o primeiro é a expectativa de acontecimento do segundo, Ostrower apresenta potencial criador como o fenômeno em que possibilidades virtualmente existentes de um



elemento se hierarquizam, influenciadas pelo processo de criação em que o mesmo está envolvido.

Sob meu ponto de vista, a potência criadora existe como um material inspirador que dá conteúdo para o processo ocorrer, e assim, a obra de arte ganhar forma, são os insumos criativos que servirão de referência simbólica para serem reconfigurados e transformados em obra final. Da mesma forma que sem a matéria prima, o produto não consegue ser produzido, a obra de arte precisa essencialmente de seus elementos inspiradores, que irão se transformar no objeto artístico de acordo com a vertente artística específica.

Após apresentado o conceito aqui proposto, é dado início a sua aplicação ao campo da pesquisa, a criação de joias, mais especificamente presente nas ações criativas que tive contato de forma direta ou indireta no Polo Joalheiro do Pará.

Em seus formatos diferenciados uns dos outros, as propostas criativas de origens temáticas diferentes são ofertadas aos criadores inscritos no Polo Joalheiro do Pará para compor exposições em períodos específicos do ano. Em cada uma das iniciativas apresentadas são trabalhadas temáticas de fontes inspiradoras que interagem de forma dinâmica, mas com origens que ao serem comparadas apresentam contrastes perceptíveis entre si.

Figura 01: Levantamento das ações do Polo Joalheiro e suas propostas criativas.

AÇÕES DO POLO JOALHEIRO DO PARÁ	PROPOSIÇÕES DE FONTES CRIATIVAS
-EXPOSIÇÕES DIA DAS MÃES -EXPOSIÇÕES DIA DOS NAMORADOS	ENFATIZAM AS RELAÇÕES PESSOAIS, MEMÓRIAS E ELEMENTOS DE AFETO.
-CATÁLOGOS PARÁ EXPOJOIAS -EXPOSIÇÃO POTENCIAS AMAZÔNICAS	ENFATIZAM A POTENCIALIDADE LOCAL, REFERÊNCIAS VISUAIS DA REGIÃO.
-EXPOSIÇÕES JOIAS DE NAZARÉ -EXPOSIÇÃO TODAS AS TRIBOS	ENFATIZAM AS CONSTRUÇÕES SOCIAIS, OS ELEMENTOS VISUAIS CULTURAIS.

Fonte: Acervo do autor / 2016.

Através dos trabalhos inicialmente realizados com foco nessas exposições e catálogos, meu dispositivo criador começou a se aprofundar em



cada uma das referentes fontes inspiradoras. Utilizo-me dessas divisões temáticas para conceber a própria divisão de meu método de compreensão, onde são destacadas em cada uma delas as bases do que apresento como potências criadoras. Em cada um desses casos alguma das potências criadoras se apresentou com maior ênfase, variando de acordo com a proposta criativa ofertada.

Para as que tratam diretamente da memória e dos afetos, caracterizo-as como fonte de potência pessoal; nas que apresentam destaque para potencialidades e referências visuais da região, nomeio como potência de origem local; para as ações que evidenciam as construções culturais de grupo, categorizo-as como potência de origem social.

O conceito de potência criadora que apresento como passível de ser aplicado para as áreas criação é de variada aplicabilidade. No caso de minha criação como designer de joias, as classifico através dessas três categorias. Ao aplicar essa análise em outra vertente artística, as potências podem se apresentar com diferentes nomes dos quais eu utilizei em meu contexto como criador, de forma que se enquadrem de melhor forma ao contexto que as mesmas são utilizadas.

Potencial Pessoal

Muito se fala da relação entre indivíduo e grupo social e em como esse fenômeno influencia nas noções de vivência estabelecidas no contemporâneo. Um fato curioso é que ao invés desses dois polos em vez de anular uns aos outros, se relacionam de forma diferenciada, “[...] ao mesmo tempo em que se pode supor um foco numa identidade coletiva por um excesso de massificação, tal direcionamento não elimina a escolha particular de um indivíduo” (CIDREIRA, 2014, p. 84), onde o mesmo se insere em agrupamentos de dimensões sociais variadas, mas respeita suas unicidades como ser.



No que diz respeito ao caráter pessoal de um indivíduo, a sua concepção de mundo é única, e formada pelas combinações de experiências e influências que se recebe no decorrer da vida, possuindo a necessidade de ser expressa pelo próprio ser através de mensagens, de sua perspectiva própria.

A possibilidade de manifestação do gosto particular nos pequenos detalhes satisfaz a vontade de particularidade e é, em última instância, o que permite preservar a liberdade individual, sobretudo quando essa vontade de singularidade consegue ser mais forte do que a necessidade de reconhecimento e acolhimento do grupo social (CIDREIRA, 2014, p. 35).

Não somente em expressar seu ponto de vista, mas também pela forma particular com que cada um assimila os acontecimentos de suas vidas, a forma particular com que se interage com esses fatores influenciadores desencadeia uma combinação de bagagem percebida pelo ser que irá traçar a sua personalidade de forma pessoal.

Desta forma, a potência pessoal trata principalmente sobre o particular, onde são utilizados elementos visuais para representar formalmente uma sensação, “Ao contrário da conotação que se lhe atribui frequentemente, a emoção ou a sensibilidade devem, de algum modo, serem consideradas como um misto de objetividade e subjetividade” (MAFESSOLI, 1998, p. 20). O sentir, de alguma forma, pode ser materializado.

No jogo de relacionar o palpável com o não palpável, o diálogo se estrutura através da percepção que o criador possui do sentimento retratado e em como ele será atribuído a um elemento artístico. “[...] a expressão de sensações pode transformar-se na comunicação de conteúdos subjetivos. O homem pode falar *com* emoção, mas ele pode falar também *sobre* as suas emoções” (OSTROWER, 2014, p.22). A visão do criador, neste caso em enfatizada por sua percepção própria do sentimento retratado, revelando também traços particulares no processo de expressão, que caracterizam a obra criada como de potência pessoal.



Neste momento, destaco que as potências pessoais podem se desdobrar em dois caminhos distintos, diferenciados pelo contexto temporal em que a potência se faz presente no ato de expressão do indivíduo que a possui.

O primeiro dos desdobramentos da potência pessoal se apresenta no tempo presente, em atos inseridos no cotidiano do indivíduo perceptor e nas experiências que se fazem recentes ou em constância no trajeto de vida deste ser. É a potência criadora que chamo de vivência, que se origina da base pessoal e que se caracteriza por seu aspecto temporal próximo ao indivíduo.

Enquanto se encara a vivência como um fato que está em atividade, a percepção da mesma se mostra como mutável. “Com a passagem do tempo, surge a “memória”, que é a experiência mutável transformada em qualidade estável” (CARDOSO, 2013, p. 71). Na medida em que a mesma passa a pertencer ao passado, a visão que se tem da experiência se torna uma referência menos flúida, que sob a ação do tempo se caracteriza então como memória. Enquanto a vivência se trata de um acontecimento recente, a memória refere-se a uma inspiração guardada como lembrança no acervo cognitivo do indivíduo, pertencente a fatos antigos. Dessas relações, dispõe-se aqui a primeira tríade (ou faceta) da lapidação criadora.

Figura 02: Tríade de potências criadoras de base pessoal.



Fonte: Acervo do autor / 2017.

Assim, o passado se faz presente como propriedade que pertence ao acervo de referências presentes na mente do indivíduo, as quais são geralmente utilizadas no processo de criação.



Potência Social

Mesmo havendo importantes vivências pessoais na construção histórica de um indivíduo, é muito difícil imaginar alguém que não possua referências sociais. “Queremos considerar o fato de que, por sensível que seja o indivíduo [...] existem aspectos valorativos que estão fora de seu âmbito pessoal. Esses aspectos se reportam, essencialmente a valores coletivos” (OSTROWER, 2014, p. 101). Uma vez que um indivíduo se insere em um meio social, o mesmo irá se relacionar de forma intrínseca com outras pessoas que também interagem com os parâmetros presentes nesse contexto.

Mesmo não concordando e seguindo todos os padrões sociais ao qual a pessoa se apresenta, os mesmos servem como referência, “podemos dizer que um pensamento pessoal é aquele que segue a inclinação de um pensamento coletivo” (MAFESSOLI, 1998, p. 97). Entende-se que essas inclinações surgem ao contato social no convívio do indivíduo e que são compartilhados pela consciência coletiva.

A partir disso, entendo que a potência social é uma parcela das vivências do contexto espaço-tempo social que passam a ocorrer por um tempo maior, e que de forma direta ou indireta se relacionam com uma parcela da sociedade em questão. O que se vivencia e se mantém, ganha força como prática social e ganham lugar na consciência coletiva da sociedade.

Há quem se identifique e quem não se identifique com os mesmos, como comumente ocorre nos fenômenos sociais contemporâneos, mas de forma geral, os mesmos são reconhecidos como pertencentes ao *ethos* da sociedade em questão.

Muitos elementos sociais podem se tornar tradição, são ações cotidianas que já se tornaram comuns no meio social de uma sociedade, já presente no consciente coletivo dos habitantes da mesma. Além dessas pequenas práticas, outros elementos sociais se fazem presentes como possíveis fontes de



inspiração para a criação. Tradições construídas em um ambiente coletivo e que transformam a percepção da cidade para seus habitantes.

Assim como na potência de base pessoal, a potência de base social apresenta dois desdobramentos, que se relacionam com a ação do tempo, e este fator pode ser utilizado para definir em qual segmento da potência social o processo criativo pode seguir em suas inspirações.

O primeiro desdobramento deles pode ser identificado como o mais próximo da vivência social, pois ambos se encontram como atuantes no tempo presente. Trata-se da cultura, conjunto de saberes e ações que se desenvolvem entre os indivíduos dentro de um contexto social, em suas relações com o ambiente ao qual estão inseridos. “Cultura, aqui entendida, como configuração intelectual, artística e moral de um povo ou, mais amplamente, de uma civilização, e que pode ser compreendida no processo de seu desenvolvimento histórico ou num período delimitado de sua história” (LOUREIRO, 2001, p. 62). São as práticas e conhecimentos compartilhados no cotidiano da sociedade, caracterizam-se como formas de se adaptar, se relacionar e expressar a partir da percepção de um povo em relação ao local que os rodeia.

As potências essencialmente sociais que apresento são concebidas através das experiências em conjunto de forma geral, pois entendo que as mesmas não tenham relação com um lugar específico, o “território” ao qual pertencem se faz da união e interação entre pessoas. Já as potências culturais são desdobramentos da relação sociais, como nas potências sociais, mas que possuem o agente local como influenciador, provém do resultado da interação da sociedade com o ambiente.

No segundo desdobramento da potencia social, muito do que se apresenta como elementos de uma cultura pode se perder com o passar do tempo. Porém, há práticas que permanecem no consciente coletivo e servem como referência para ressignificações além da época de seu surgimento, chamadas potências ancestrais. Mesmo reconhecendo como parte de sua



origem, estas apresentam a particularidade de afastamento temporal do indivíduo que a percebe e a utiliza como inspiração criativa.

Assim, consiste a segunda tríade de potências presentes no método de análise, apresentando como base a potência social e seus desdobramentos, com a influência do ambiente na construção da potência cultural e tendo o reconhecimento mesmo sem vivenciar a experiência que dá origem aos elementos de inspiração, caracterizados pela potência ancestral.

Figura 12 - Tríade de potências criadoras de base social.



Fonte: Acervo do autor / 2017.

Devido ao grau de distanciamento temporal em alguns casos, muitos dos conhecimentos ancestrais não possuem registros escritos, são passados de geração para geração através da história oral, o que pode fazer com que a origem do mesmo não possa ser definida com precisão, mas esse fator não a exclui de fazer parte do consciente coletivo a que se refere.

Potência Local

A terceira potência está ligada diretamente com as formas de ligação do indivíduo com o ambiente, baseada em inspirações que se utilizam das conexões afetivas com o lugar. Trata-se da potência local, que constitui um dos parâmetros que envolvem relações tanto pessoais quanto sociais.

Todas as experiências de um indivíduo, mesmo que não tomem como referências principais os elementos ligados ao local, são fenômenos que acontecem em um determinado ambiente. Esse ambiente se constrói através da



união de dados gerados a partir da percepção do que está ao redor, formando assim um contexto espacial assimilado.

Os diversos dados se concentram em nossa atenção e formam um campo ambiental, que está sendo percebido através de correspondências 'topográficas': proximidades, convergências, inclusões, separações, dispersões. (OSTROWER, 2014, p. 87).

O local funciona como fator indutor do processo de revisitação das memórias, tanto particulares, quanto compartilhadas. Percebe-se a importância do espaço para a formação de relações sociais, servindo como um ponto de referência para assimilar as experiências vividas em conjunto. “Quero dizer que, então, a existência social só é possível, onde quer que seja, porque existe uma aura específica da qual, queiram ou não queiram, nós participamos. E o território é a cristalização específica dessa aura” (MAFESSOLI, 1998, p. 188). É no território que são referenciados “topograficamente” os afetos presentes nas relações pessoais e interpessoais.

Não somente os conhecimentos e expressões criados em grupo se relacionam com o território, mas também aquilo que é vivenciado por um indivíduo, e a simples contemplação do seu entorno, acaba se transformando em uma vivência geradora de informações. Dessa forma, apresento essa potência de forma centralizada na estrutura abaixo, relacionando-a diretamente com as outras duas bases, a potência pessoal e a social:

Figura 04: Relação da potência local com as outras potências.

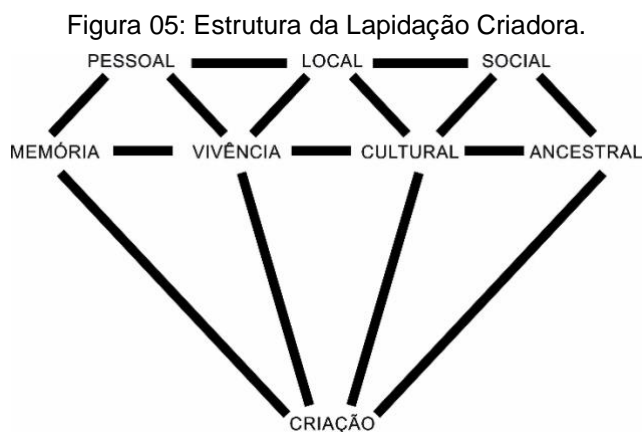


Fonte: Acervo do autor / 2017.



Da relação entre o indivíduo e a ambiência, ou seja, o contexto que envolve o ser de forma particular em suas experiências, surge vivências pessoais. Da mesma forma que a partir da relação entre um consciente coletivo, sob influência dos parâmetros presentes no território, surge inspirações de potência cultural.

Já como transformações temporais das potências, assim como a vivência, pela ação do tempo, se torna uma potência de memória, a potência cultural ao ser praticada e perpetuada cronologicamente, passa a se qualificar como uma potência ancestral. Essas são posicionadas em cada uma das extremidades da estrutura. Assim, todas as potências, partindo de suas bases, e seguindo pelas transformações geradas das relações com o contexto e o tempo, resultam em um único ponto, o ato da criação, como mostra na estrutura do método de compreensão que apresento na figura abaixo:



Fonte: Acervo do autor / 2017.

Uma analogia é estabelecida então entre a forma que a estrutura se constitui e com uma técnica de produção de joias, a lapidação, que evidencia a beleza dos materiais gemológico, ou gemas. A construção formal da Lapidação Criadora faz referência à lapidação brilhante, geralmente utilizada nos diamantes. Nesse tipo de lapidação, quanto maior o número de facetas, maior será a incidência de luz, e consequentemente também maior será o seu brilho.



Para as obras artísticas funciona de forma similar. Quanto mais potências se fazem presentes nas inspirações, há mais facetas (representadas pelas tríades entre potências), gerando assim um maior brilho para a criação.

Considerações Finais

Tendo como abordagem a sociologia compreensiva pôde-se entender a forma de relação entre o particular e o pertencimento de grupo que se torna necessário para construir a imagem de um indivíduo. Através disso, as potências criadoras ganharam forma, no intuito de compreender o diferencial que a criação de joias na contemporaneidade apresenta.

A reflexão feita através de minha vertente criativa, a produção de joias, pode ser entendida com a forma de fala ao qual me apropriei para desenvolver esse método de compreensão. Porém, trata-se de uma leitura sobre o processo de criação de forma geral, não sendo restrito a uma prática específica, e nem se limitando a estrutura ao qual organizei minha compreensão. Assim como outras formas de criação me atravessaram como pesquisador, espero que minha pesquisa de alguma forma possa se aproximar com outras formas de produção criativa, tornando possível assim o diálogo entre o pensar, o fazer e o compreender, em suas diversas linguagens.

Referências

CARDOSO, **Design para um mundo complexo**. 2 Ed. Cosac Naif, São Paulo. 2013.

CIDREIRA, Renata P. **A moda numa perspectiva compreensiva**. Cruz das Almas: UFRB, 2014.



FRANCHI, Claudio. **Sociologia, Identidade Senso da História e Mercado para o Desenvolvimento do Design da Joia do Pará**, in MEIRELLES, Anna. C. R.; NEVES, Rosa. H. N.; QUINTELLA, Rosângela S.; PINTO, Rosângela G.; organizadoras. **Joias do Pará: design, experimentações e inovação tecnológica nos modos de fazer**. Belém: Paka-Tatu, 2011. p. 35-61.

LOUREIRO, JOÃO J. P. **Elementos da Estética**. Ed. EDUFPA, Belém. 2002.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1998.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30 Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.